

GAGUEIRA: ORIGEM E TRATAMENTO

Silvia Friedman*

RESUMO

Através da análise do discurso de um grupo de pessoas gagas, que foram entrevistadas a respeito da estória do desenvolvimento de suas falas, cheguei à conclusão de que uma auto-imagem de mau falante caracteriza a identidade do gago, estando na base do seu comportamento articulatório.

O desenvolvimento desta pesquisa mostrou as condições sob as quais tal auto-imagem pode tornar-se real, baseada em estudos psico-sociais que compreendem o desenvolvimento psíquico do homem, em face da determinação social da cultura em que vive.

Tal auto-imagem desenvolve-se a partir de situações de comunicação paradoxais. Este tipo de situação se define como aquela em que nem uma resposta adequada pode ser dada, nem a situação pode ser abandonada; de tal forma que emoções negativas com relação à situação são desencadeadas e podem aumentar, caso o paradoxo se mantiver.

Uma situação paradoxal pode ser encontrada na estória do desenvolvimento da fala de cada uma das pessoas entrevistadas. Frequentemente, este paradoxo era criado pelos pais do indivíduo, na medida em que ignora-

vam que o comportamento disfluyente é normal em crianças, por estarem elas desenvolvendo ainda suas habilidades lingüísticas e serem passíveis de ter sentimentos de insegurança ao falar. Esta insegurança, ou qualquer outra ativação emocional, não apenas em crianças, mas também em adultos, pode conduzir à disfluência.

As emoções estão estreitamente ligadas ao tônus muscular, alterando-o. Cada emoção vivida, se expressa através de conjuntos de alterações peculiares no tônus, dando-nos a informação sobre o tipo de emoção experimentada. O ato de falar, por sua vez, é também uma atividade muscular. Desta forma, quando nos emocionamos com certa intensidade, estamos sujeitos às alterações na nossa capacidade articulatória.

Assim, ignorando a normalidade do comportamento articulatório dis-

* Fonoaudióloga e professora do Curso de Fonoaudiologia da PUC-SP.

fluente; os pais frequentemente reagem a ele com uma não aceitação. Isto sugere à criança que ela deva falar de uma maneira diferente daquela que naturalmente fala. Na realidade, a criança não tem condições para fazê-lo, porque isto é algo bastante abstrato que requer reflexão sobre sua própria fala, coisa que mesmo os adultos em sua maioria não são capazes de fazer.

Sob tais condições, podemos ver que um paradoxo se instala sobre o ato de falar, isto é: tem-se o desejo de falar de uma forma diferente (ideal) daquela que é possível realizar, mas não se tem as condições para fazê-lo.

Tal desejo só pode gerar emoções negativas sobre o ato de falar, o que conduz à tensão muscular e, conseqüentemente, à uma fala disfluente ou gaguejada. O falante e as pessoas que o cercam não estão conscientes sobre a relação entre fala e emoção, nem sobre a situação paradoxal que se criou com a não aceitação de um padrão de fala espontâneo. Por isso, eles apenas percebem os problemas de fala, ignorando o contexto emocional que os determina e sua origem em um desejo paradoxal. Assim, quanto mais as atenções são dirigidas para o modo de falar, mais aumenta a tensão muscular e mais aumenta o problema de fala.

Estas são as condições sob as

quais uma auto-imagem de mau falante pode surgir. Tal auto-imagem, originada por uma aversão socialmente criada à sua própria fala, leva a uma não aceitação de si mesmo.

Ao não aceitar sua auto-imagem em virtude de uma idealizada imagem de si como mau falante, a pessoa logicamente luta para falar bem, não percebendo ser isto paradoxal, uma vez que somente de forma espontânea se pode ter uma boa produção de fala. O esforço consciente para conseguir uma boa fala, sob a pressão de evitar gaguejar, não só não conduz ao objetivo desejado como também provoca reações espontâneas não desejadas nem planejadas, ou seja, provoca o gaguejar propriamente dito.

O *esforço consciente* para conseguir uma boa fala, evitando gaguejar, portanto, deve ser o objetivo da intervenção terapêutica, e não o falar bem (como objetivo desejado e não alcançado) ou o não gaguejar (como comportamento não desejado que se dispara). Um bom falante sabe que não precisa de nenhum esforço especial para falar bem. Os movimentos articulatórios simplesmente lhe obedecem. As terapias clássicas têm falhado porque, ignorando a origem do problema, reforçam a auto-imagem de mau falante, usando todo tipo de estratégias para

ajudar o gago a falar bem.

A visão de que o comportamento da gagueira é produzido por um modo paradoxal de sentir a própria fala, permite entender melhor velhas questões como: porque não gagueja quando canta, não gagueja falando sozinho, não gagueja quando representa um perso-

nagem (teatro), etc.

A fala é normal, o problema está na auto-imagem. Quanto mais a pessoa considera sua auto-imagem importante para a situação, mais luta para disfarçar a fala ruim que supõe ter, e mais cria as condições para gaguejar.

SUMMARY

Analysing the discours of a group of stutterers about the story of their speech development, I came to the conclusion that a self-image of a bad speaker characterizes the stutterer's identity and lies at the basis of his articulatory behavior and that such a self-image arises from paradoxal communication situations.

BIBLIOGRAFIA

FRIEDMAN, S. *Gagueira: Origem e Tratamento*. Summus Editorial, 1985.
MARTINET, M. *Teoria das Emoções. Introdução a obra de Henry Wallon*. Lis-

boa, Moraes Editores, 1972.
WATZLAWIC. *El Lenguage del Cambio - nueva tecnica de la comunicacion terapeutica*. Barcelona, Herder, 1980.